

Vergílio Ferreira e a Filosofia Anglo-Americana

Onésimo Teotónio Almeida

Brown University

Resumo

Inserido na tradição fenomenológico-existencialista, Vergílio Ferreira sentiu-se sempre em casa no pensamento francês. As poucas incursões que fez no mundo filosófico anglo-americano foram limitadas pela sua falta de familiaridade com a língua e sobretudo com a tradição filosófica anglo-americana. Os comentários ocasionais sobre esta tradição surgidos no seu diário reflectem esse desconhecimento.

Abstract

Trained in the phenomenological and existentialist tradition of Continental philosophy, Vergílio Ferreira always felt at home dealing with French thought. His few attempts to dialogue/converse with the Anglo-American tradition were always limited by his lack of familiarity with the English language and, above all, with Anglo-American thought. His occasional commentaries on this latter tradition, made in his journal, reflect that unfamiliarity.

Palavras-chave: existencialismo, fenomenologia, lógico-positivismo, filosofia anglo-americana, filosofia analítica, neopositivismo, pragmatismo, razão, sentido, linguagem, dualismo.

Key words: existentialism, phenomenology, logical positivism, Anglo-American philosophy, analytical philosophy, neopositivism, pragmatism, reason, meaning, language, dualism.

A primeira vez que me recorde de ter ouvido falar de Vergílio Ferreira foi em comentários à sua prosa – era “o melhor estilista português”, conforme corria expresso em absolutos termos entre os jovens da minha idade interessados nas letras¹. O meu primeiro contacto com a sua obra, porém, só ocorreu mais tarde, se bem que ainda quando eu era adolescente. Interessado, então, no existencialismo, adquiri numa pequena livraria de Ponta Delgada um livro de ensaios que tentei ler. Avancei por vários capítulos, de que na verdade pouco consegui compreender apesar do meu esforço. Fui depois adquirindo os volumes de ensaios de *Espaço do Invisível* e alguma ficção (*Manhã Submersa*, claro, entre outros). Com a minha vinda para os EUA e ingresso num programa de doutoramento em Filosofia, foi-me crescendo o desinteresse pela problemática existencialista e sobretudo pela filosofia francesa e suas tributárias, cada vez mais embrenhadas num linguajar intragável, frequentemente abstruso. Comecei a sentir até uma repulsa, sobretudo à medida que me fui apercebendo dos problemas lógicos de inúmeras proposições e da falta de coerência interna de muitos dos textos que me eram dados ler, onde facilmente se misturavam ciências sociais com intuições impressionistas, tudo redigido numa linguagem de constantes recursos ao efeito literário e à metáfora, o que ainda obscurecia mais o pensamento dos autores. Vergílio Ferreira pareceu-me sempre esquivo a essa tradição, igual a si mesmo na meditação intelectualmente honesta, e sentida, sobre a problemática que ele considerava fundamental - aliás, para ele, as grandes questões do homem moderno, o mais importante dos quais a questão do sentido da existência num mundo sem Deus. Daí eu ter continuado a acompanhar a sua escrita à distância, embora nessa altura já apenas interessado na vertente ensaística do autor. Foi assim que fui lendo com imenso interesse os volumes de *Conta-Corrente*. Um dia, quase no fim da leitura do 3º volume, fui surpreendido por uma longa e bastante simpática entrada sobre um artigo que eu publicara no recém-criado *Jornal de Letras*². Tratava-se de uma chamada à pedra

¹ Essa ideia não circulava apenas entre os leitores. O próprio Vergílio Ferreira parecia admiti-la: “Não reconheço superioridade alguma a qualquer escritor português excepto ao Eça no referente à palavra.” Vergílio Ferreira. *Conta-Corrente 5 (1984-1985)*. Lisboa, Bertrand, 1987, p. 122. Mas, para ele, um escritor não é só palavra: “Ter inteligência observadora, inteligência reflexiva. Sensibilidade pessoal e bom-gosto, destreza de escrita, de expressão, originalidade, sentido do ritmo, sensibilidade eufórica, bom domínio vocabular, precisão e concisão, um estilo bem marcado. Isto é que é escrever bem.” Vergílio Ferreira. *Conta-Corrente 4 (1982-1983)*. Lisboa, Bertrand, 1986, p. 153.

² “Acerca do Conceito de Filosofia”, *Jornal de Letras, Artes e Ideias* I (1981), posteriormente incluído no meu livro *Despenteando Parágrafos*, Lisboa, Quetzal, 2015, pp. 53-72.

a Sottomayor Cardia³, que em número anterior iniciara a publicação de uma série de reflexões pessoais sobre filosofia, que não passavam afinal de uma síntese dos projectos do lógico-positivismo e da filosofia analítica, sem fornecer ao leitor a mínima indicação de fontes. Na verdade, dava mesmo a impressão de estar a apresentar uma visão original da ideia de filosofia. Vergílio aproveita o meu artigo para fazer uma crítica ao lógico-positivismo iniciada nestes termos:

Não li o do Cardia, mas deduzo por este que o dele era uma imitação quase literal de textos neopositivistas⁴ de Wittgenstein, escolar de Viena e arredores. Mas não é o problema de “imitação” que me interessa. O que me interessa é a observação vulgarizada de que a anulação racionalista de uma doutrina devia ter como resultado a liquidação dessa doutrina. Não tem. Mas nunca ninguém – nem portanto Onésimo – reflecte sobre isso. Carnap e os filósofos neopositivistas entretiveram-se a demonstrar que os problemas metafísicos são falsos problemas derivados de convenções da linguagem que uma vez esclarecidas destruiriam esses problemas como tais.⁵

Um pouco mais adiante, acrescenta: “Mas há outra questão decerto mais grave. Os neopositivistas desmancham todos os problemas metafísicos como *falsos* problemas organizados, não em função da verdade ou realidade, mas do vazio da própria língua que os formulou.”⁶ Após mencionar que muitos pensadores, entre os quais Heidegger, Lévinas e Ricoeur, recusaram essa ‘desmitificação’, acrescenta:

A única conclusão a tirar não é a da ‘desmitificação’ mas a do irracionalismo do racional. A única conclusão a tirar é que a decisão destas questões não passa pela razão. E não nos digam que passa pela educação ou glândulas endócrinas, porque isso é passar afinal um atestado de estupidez ou de inferioridade à razão, que é assim uma actividade menor em face do trabalho de uma glândula. Em tal caso, todo o trabalho de “desmistificação” foi um trabalho mistificado e mistificador. Mas essa conclusão é que nunca ninguém tira. Porque tirá-la era desautorizar aquilo mesmo em função do qual se pretendem desautorizar as mistificações

³ Professor de Filosofia na Universidade Nova de Lisboa e antigo Ministro da Educação.

⁴ Vergílio fala sempre de neopositivistas, mas deveria referi-los como lógico-positivistas, segundo eles próprios se denominavam e são conhecidos. Há de facto uma profunda diferença de visão do mundo e objectivos entre os positivistas franceses e os lógico-positivistas do grupo de Carnap. Daí não lhes assentar nada bem esse “neo” atribuído por Vergílio.

⁵ Vergílio Ferreira. *Conta-Corrente 3 (1980-1981)*. Lisboa, Bertrand, 1983, p. 355.

⁶ Idem.

alheias. Desautorizar isso seria desautorizar a si próprio. Mas é no fundo o que acontece, mesmo que não queiram. A razão é um formulário para se provar o que já provámos para nós próprios. E é por isso que a metafísica continua e a filosofia analítica vai ficando para trás.⁷

Há aqui algumas confusões da parte de Vergílio e proponho debruçar-me sobre elas para esmiuçar um pouco o que parece não estar claro no pensamento do nosso autor, fazendo de seguida algumas observações adicionais acerca do seu relacionamento com a filosofia anglo-americana.

Vergílio Ferreira amalgamou o positivismo lógico de Carnap e seus colegas com a filosofia analítica, naturalmente por desconhecimento de causa, pois Vergílio não estava voltado para o mundo anglófono (talvez por não conhecer suficientemente a língua) e os parâmetros da sua problemática filosófica estavam, desde a juventude dele, formulados em tradições bem diferentes, como são as da fenomenologia e do existencialismo. Vergílio, como vimos na declaração aqui citada, afirma que os lógico-positivistas consideravam “falsos” os problemas metafísicos. Ora, na verdade, muito embora frequentemente se afirme isso, há que explicitar com mais rigor a questão: os lógico-positivistas consideravam “sem sentido” os problemas metafísicos e não propriamente “falsos”. Não se trata de uma questão somenos, este pormenor. Pelo menos no que concerne o sentido de ‘falso’. Com efeito, em vez de uma questão epistemológica (consistindo na distinção entre proposições **verdadeiras** ou **falsas**), os lógico-positivistas consideravam como **não fazendo sentido** (*meaningless*) qualquer afirmação que não pudesse assentar em bases empíricas (é isto o ‘positivismo’) e formuladas em termos logicamente defensáveis.

Ora, se bem que a filosofia analítica tenha muito a ver com o lógico-positivismo, não foi essa a sua tónica dominante, nem sequer quando a filosofia analítica estava no seu auge. Na tradição analítica, a filosofia como que reconhece que o domínio do empírico pertence à ciência; perante esse domínio, a filosofia recua e encontra na linguagem o seu campo de acção. Ao debruçar-se sobre ela, continua a dedicar-se a grande parte da problemática herdada da tradição grega, com a lógica, tradicionalmente uma área eminentemente filosófica, a desempenhar um papel-chave na análise conceptual, por ela ser garantia do rigor (o rigor nas palavras equivalente ao rigor dos números na matemática), exigido na elaboração de conceitos que vão permitir a formulação de um argumento. E é

⁷ Vergílio Ferreira. *Conta-Corrente 3 (1980-1981)*. Lisboa, Bertrand, 1983, pp. 356-7.

fundamentalmente a esse nível que a filosofia se vai ligar ao real, na medida em que, conforme Wittgenstein frisou, o sentido de um termo é o seu uso (*meaning is use*). Daí que, na averiguação e estabelecimento do “uso/significado” de um termo, seja necessário recorrer ao mundo “empírico” quando se trata de termos concretos, algo que a filosofia analítica não gostava de fazer, sendo portanto esse um dos pontos em que ela diverge da orientação lógico-positivista.

Acrescente-se que hoje a filosofia analítica está muito longe de quejanda obsessão pois, sobretudo no domínio da ética, ela envolve-se inevitavelmente em debates sobre temas médicos, biológicos, de negócios, problemas dos seres humanos e até dos animais. Aliás, não só a filosofia analítica tinha-se há muito libertado das amarras do positivismo-lógico como se começara a transformar bastante, deixando-se dos seus pruridos de mera análise de linguagem antes ainda de Vergílio escrever a acima referida entrada no seu *Conta-Corrente*⁸. Mas avancemos no tempo.

Alguns anos mais tarde, e por circunstâncias que não vêm ao caso, convidei Vergílio Ferreira a vir aos EUA fazer uma palestra aos alunos de Estudos Portugueses e Brasileiros da Brown⁹. A sua visita foi uma oportunidade de conversarmos longamente sobre temas de interesse comum, nomeadamente de filosofia. O nosso diálogo prosseguiu por carta e até por telefone mas, sobretudo, frente a frente, pois quando eu passava por Lisboa costumava encontrar-me com Vergílio, em regra para um almoço, sendo o objectivo fundamental continuarmos a nossa amistosa troca de ideias.

Como eu referira várias vezes o muito debatido livro de Richard Rorty (nome então quase desconhecido na Europa) – *Philosophy and the Mirror of Nature*¹⁰ – Vergílio manifestou muito interesse em lê-lo. Ofereci-lhe por isso um exemplar. Se o leu ao regressar a Lisboa, disso não há notícia na *Conta-Corrente*. Apenas cinco anos mais tarde, em 1990, já na nova série do diário, escreve sobre ele em termos de releitura:

⁸ Veja-se o meu artigo “Filosofia – o pluralismo como saída”, publicado no *Jornal de Letras* em 1984 (nº 87, 3 de Março) e que incluí em *Despenteando Parágrafos* (2015).

⁹ De colaboração com Laura Bulger, uma colega e amiga professora na Universidade de Toronto, Vergílio foi também na mesma altura falar aos alunos de Português daquela universidade.

¹⁰ Richard Rorty. *Philosophy and the Mirror of Nature*. Princeton, NJ, Princeton University Press, 1979.

[17 de Setembro] [...] E agora, após o fracasso de uma sesta, estou a reler, e a conhecer, *Philosophy and the Mirror of Nature*, de Richard Rorty, que o Onésimo me deu quando fui a Providence há um ou dois volumes deste diário. Pretende este Rorty destruir-nos os restos do imaginário dualismo espírito/corpo que eu já destruí há muito. A ver se ele me destrói o que sinto em mim como o que sou em corpo e existe mesmo, sem existir mesmo por si. Porque seria então igual a destruir-me o sentir-me “eu”, sem me sentir os pais que me fizeram e o mais que me fez e eu refiz na espontaneidade de mim, que é o meu ser, ou seja a minha liberdade. O engraçado é estes teorizadores não serem capazes de nos levarem a não nos doer uma dor imaginária que dói à mesma como a dor real.¹¹

Vergílio prossegue então elaborando ideias dentro da sua linguagem e preocupações, desviando-se mais e mais dos argumentos que Rorty pretendeu desenvolver. Aliás, nota-se desde o início da referência a *Philosophy and the Mirror of Nature* que Vergílio Ferreira não se enquadrou na problemática do livro. Rorty não quis sequer ser original no seu antidualismo. Na filosofia analítica, a obra de referência sobre essa questão era nessa altura *The Concept of Mind*, de Gilbert Ryle, já de 1949¹². Ryle estabelecera uma espécie de paradigma e Rorty simplesmente se inserira nele. O resto da entrada de Vergílio demonstra que a obra de Rorty não lhe suscitou qualquer interesse, o que em nada me surpreendeu. Com efeito, tudo o que eu lera de Vergílio e as várias, longas conversas que mantivemos ao longo dos anos, haviam deixado claro que as sérias questões levantadas por Rorty não o motivavam pura e simplesmente por não estar ele dentro dos grandes debates da filosofia anglo-americana. Além disso, o livro estava escrito numa linguagem densa e semanticamente muito conotada com a tradição filosófica de língua inglesa. Vergílio deveria, contudo, ter-se interessado, ele que por várias vezes se insurgira contra a tendência da filosofia moderna para se enredar nas questões da língua. Sirva de exemplo esta passagem:

27-Janeiro (quarta). Estou quase no fim da leitura de *L’Inflation du Langage dans la Philosophie Contemporaine* de Gilbert Hottois. Li há pouco um grosso volume de um colóquio sobre a obra de Derrida. E não cessa este caudal de livros sobre problemas linguísticos. Jamais como hoje se reflectiu sobre a língua para se fechar nela todo o destino intelectual do homem. Desde sempre ela atraiu a atenção dos pensadores – de Platão a Leibniz, Humboldt, Rousseau e outros que não lembro. Mas é sintomático que entre os intelectuais de hoje um Saussure, pai da linguística moderna, ou Wittgenstein, seu avatar, sejam quase tão célebres como Picasso ou Charlot ou Einstein. Já anotei não sei onde: se hoje tanto se reflecte sobre

¹¹ Vergílio Ferreira. *Conta-Corrente, Nova Série II*. Lisboa, Bertrand, 1993, pp. 286-7.

¹² Gilbert Ryle. *The Concept of Mind*. New York, Barnes and Noble, c1949.

a língua é porque nada temos já a dizer... E todavia nunca decerto como hoje se falou tanto.¹³

Com efeito, também Richard Rorty pretendia no seu *Philosophy and the Mirror of Nature* insurgir-se contra aquilo que ele identificara numa obra anterior – *The Linguistic Turn*¹⁴ – e que agora considerava uma volta errada da filosofia anglo-americana ao decidir, na sua busca de identidade face ao avanço galopante das ciências, sobretudo as naturais, que lhe roubavam o terreno¹⁵, fixar-se na linguagem. A linguagem, porém, não permite nunca que se saia de si própria de modo a conseguir-se o retrato perfeito da natureza como se num espelho. Ela enreda-nos e nunca é possível desligarmo-nos totalmente de modo a chegarmos à captação perfeita do real. Quer dizer, portanto, que a tradição aristotélica da “verdade como correspondência” (na filosofia medieval, *adaequatio intellectus ad rem*, ou *et rei*), que procura a representação do real pela linguagem, não é um projecto realizável, como demonstrou Rorty. Na filosofia anglo-americana essa constatação e as suas consequências já tinham sido parcialmente assumidas, particularmente por Willard Quine, na altura o mais influente filósofo norte-americano, mas também por Donald Davidson, por cujo trabalho filosófico Rorty tinha especial estima. Para o autor de *Philosophy and the Mirror of Nature*, o diálogo filosófico só era possível quando os seus participantes partilhavam um paradigma com uma linguagem própria, pois a “conversação” só poderia adquirir pleno sentido quando os interlocutores falassem ou escrevessem dentro desses parâmetros comuns. Rorty achava também que prosseguir na busca insana da perfeição da linguagem, para que ela melhor espelhasse o real, era como uma versão do mito de Sísifo, pois voltava-se sempre ao mesmo lugar. Os filósofos deveriam, ao invés, libertar-se desse labirinto sem saída e assumir sem

¹³ Vergílio Ferreira. *Conta-Corrente 4 (1982-1983)*. Lisboa, Bertrand, 1986, p. 19. Vergílio nem sempre conseguiu manter-se firme nesta posição. Pouco tempo mais tarde, escrevia uma entrada que começava assim: “10 de Julho (domingo). São quase dezanove horas e trinta minutos e acabo o belo e torrencial *Universos da Crítica* do Eduardo Prado Coelho que aqui estive esta tarde com a jovem mulher e o Eduardo Lourenço” Vergílio Ferreira. *Conta-Corrente 4 (1982-1983)*. Lisboa, Bertrand, 1986, p. 282. Quem admira a limpidez da linguagem, como Vergílio afirma e pratica, não pode suportar “o delírio” ideológico que é essa obra de EPC. Note-se que “delírio” é o termo usado na contracapa do próprio livro como termo definidor do conteúdo do mesmo.

¹⁴ *The Linguistic Turn – Recent essays in philosophical method*. Edited and with an introduction by Richard Rorty, Chicago, IL, The University of Chicago Press, 1967.

¹⁵ Veja-se, por exemplo, o que aconteceu à Cosmologia, que desapareceu dos departamentos de Filosofia, passando para os de Física.

pejo que as suas posições sobre o mundo representavam posturas impossíveis de serem fundamentadas em absoluto. Todavia, tal não deveria impedi-los de intervirem através de uma civilizada ‘conversação’ sobre o mundo; pelo contrário, isso justificava a importância do diálogo intelectual.

Vergílio Ferreira poderia ter apreciado e até aplaudido essa proposta. Na verdade, fora exactamente por essa razão que eu lhe falara no livro; por isso lho ofereci e o estimulei a lê-lo.

O alheamento de Vergílio em relação à filosofia anglo-americana está, aliás, significativamente revelado na referência por ele feita a Wittgenstein na citação acima: “[...] Saussure pai da linguística moderna, ou Wittgenstein, seu avatar”, claramente reveladora de um quase completo desconhecimento da obra do filósofo austríaco, que publicou sempre em inglês.

Importa todavia – e faço-o por imperativo de consciência – salientar que tudo isso acontece precisamente devido ao seu desconhecimento da língua inglesa. Vergílio possuía uma enorme curiosidade intelectual e só um tal *handicap* o terá impedido de se embrenhar na leitura de alguma filosofia anglo-americana, pelo menos da não acessível em português ou francês, as línguas em que habitualmente lia. Partilhava, naturalmente, do viés português e francês relativamente aos filósofos para norte do Canal da Mancha e muito mais dos para cá do Atlântico. Estou em crer, todavia, que se Vergílio conhecesse a língua inglesa, a ponto de poder penetrar nos escritos de alguns dos grandes pensadores anglo-americanos, acabaria interessando-se; pelo menos reconheceria neles aquelas qualidades que ele próprio, nesta entrada do seu diário, revela tão sem-rodeios serem as que admira mais num pensador:

Num livro da brasileira Cremilda Medina leio que o Herberto Hélder me considera o exemplo acabado (o “símbolo”, como ele diz) da “esterilidade racional”, com a qual não tem nada que ver. Imagine-se. Eu que tenho passado a vida a criar má reputação à razão e a apontar outros caminhos de acesso ao real, levo agora pela cara com esta calúnia. Quero é que os domínios do a-racional não sejam um pretexto para o simplesmente gratuito e de todo o modo permitam a sua compreensão, que está para lá da razão ou mesmo do apenas “inteligível”. E isto porque o gratuito é simplesmente o possível da charlatanice. E isso, de facto, dá-me volta ao estômago. E com isso também não tenho nada a ver.¹⁶

¹⁶ Vergílio Ferreira. *Conta-Corrente 4 (1982-1983)*. Lisboa, Bertrand, 1986, p. 472.

Não haja dúvida. Vergílio insurgiu-se sempre contra a ideia de razão como fonte última de acesso ao real. Nesse aspecto – e repiso que refiro a este específico aspecto - estava com Richard Rorty porque, no fundo, um falava de razão e outro falava de linguagem, mas referiam-se à mesma realidade; só que, por pertencerem a comunidades (paradigmas) diferentes, não partilhavam o mesmo vocabulário. A razão é outro nome para a lógica; a filosofia da linguagem¹⁷ tem na lógica um dos seus pilares fundamentais. Portanto, Rorty e Vergílio estavam bem mais próximos entre si do que o autor de *Do Mundo Original* imaginava. Com efeito, foi o próprio Vergílio que, numa entrada do seu diário, afirmou que “[t]oda a sintaxe de uma língua é a armadura de uma filosofia nessa língua”¹⁸ formulação muito wittgensteiniana (do segundo Wittgenstein, mas ainda de muitos anos antes de Vergílio), que Rorty subscreveria. E todavia Vergílio não se apercebeu disso. Nem conseguiu nunca libertar-se dos preconceitos herdados e altamente cultivados no seu círculo de pensadores contra a filosofia anglo-americana, particularmente a deste lado do Atlântico. Vejamos algumas entradas do seu diário a esse respeito. Ao falar do descalabro da Europa, refere-se aos pensadores dos EUA nos seguintes termos:

[28 de Janeiro de 1991] Resta a América já infiltrada, aliás, em toda a Europa. É o país do pragmatismo estendido à filosofia desde William James aos pensadores actuais. Sempre achei essa filosofia uma nódoa ao nosso modo de pensar, sublime purificado. Mas penso hoje que a filosofia é entre nós uma expressão filtrada desse mesmo pragmatismo.¹⁹

Um mês mais tarde, escreve também: “[22 de Fevereiro] E o americano é o criador do pragmatismo com que se ganham dólares.”²⁰

Um ano depois, dedica à cultura americana uma página e meia e, a dada altura, declara peremptório:

Há dias estive aí o Luís Mourão e ao falar-lhe da filosofia americana, eu citei Rorty [*sic*] e mesmo Thomas Khun [*sic*] mas logo ele citou outros que eu não conhecia. Na realidade a filosofia paradigmática americana era e (é) ainda a de William James, irmão do romancista Henry. E não devo estar muito errado porque aí o celebrado “pragmatismo” dá o tom para o que se

¹⁷ A semântica, por exemplo, é fundamental para a lógica na medida em que é necessária para se estabelecer com rigor os termos de um argumento.

¹⁸ Vergílio Ferreira. *Conta-Corrente, Nova Série II*. Lisboa, Bertrand, 1993, p. 201.

¹⁹ Vergílio Ferreira. *Conta-Corrente, Nova Série III*. Lisboa, Bertrand, 1994, p. 30.

²⁰ Idem, p. 50.

seguiu. Suponho. De todo o modo, há hoje entre nós, e eu mal me tinha dado conta, uma funda impregnação do ser e pensar americano e decerto em face disso, não apenas o Sartre e o Malraux mas toda a cultura europeia oscila até aos seus fundamentos. Que é que isto significa? É esta a era nova que se adivinha vir aí? A do camone? A de quantos *dólas* vale? A do *throw away*? A do *paper back* [*sic*], do lê e deita fora? A do núcleo duro do presente? A do apagamento da memória? A do imediatismo do animal? Nós sabemos que estão em saldo os 2500 da nossa cultura.²¹

Esta passagem merecia um longo comentário, mas resumirei o meu em extremo. Não é correcto dizer-se que a filosofia americana tem o pragmatismo como paradigma de fundo. Rorty sim, filiou-se numa vertente pragmática que até foi sempre marginal à filosofia analítica. Entroncada em William James, Charles Pierce e John Dewey, emergiu no último quartel do século XIX. O pragmatismo, embora não tivesse desaparecido, não fez parte do paradigma dominante da filosofia analítica. Houve um ressurgimento dele na década de quarenta, todavia não ganhou grande expressão nos departamentos de filosofia. Por sinal, o pragmatismo²² recuperou projecção precisamente com Rorty, mas não na Filosofia. Foi precisamente a partir da publicação de *Philosophy and the Mirror of Nature* que o seu autor passou a exercer muito mais influência e apelo nos departamentos de Literatura e Estudos Culturais do que nos de Filosofia. Por outro lado, William James foi mais propriamente um psicólogo do que um filósofo. E Thomas Kuhn só surge em grande no panorama filosófico em 1969 com a publicação do seu *The Structure of Scientific Revolutions*, um livro de história da ciência com implicações na filosofia da ciência. Precedia-o uma longa e rica tradição filosófica em áreas como a epistemologia, a filosofia da mente, a filosofia da linguagem e até a metafísica e a ética.

Estes não pequenos deslizes bastam para mostrar que, ao contrário do que Vergílio supunha, estava mesmo muito errado. Há nestas suas linhas um desconhecimento quase total do assunto, sem ele ter a menor noção disso, nem da extensão desse desconfortável (para não

²¹ Vergílio Ferreira. *Conta-Corrente, Nova Série IV*. Lisboa, Bertrand, 1994, p. 218.

²² Em Portugal costuma pôr-se no mesmo saco pragmatismo, utilitarismo, anti-intelectualismo, materialismo, etc. Tentei noutros escritos explicar o que se entende por pragmatismo, especialmente no meu *Pessoa, Portugal e o Futuro*, visto a concepção de verdade de Pessoa se entroncar precisamente no pragmatismo, corrente que vem, aliás, do pensador católico francês Pascal. Veja-se sobretudo o capítulo “Pessoa e a sua concepção pragmática de verdade”. Onésimo Teotónio Almeida. *Pessoa, Portugal e o Futuro*. Lisboa, Gradiva, 2014, pp. 179-191.

dizer confrangedor) desconhecimento²³. Será caso para lembrar uma entrada do *Conta-Corrente* em que Vergílio se insurge contra um espanhol que lhe escrevera criticando-o e acusando-o de “confusão mental”. Vergílio reagiu à Vergílio, isto é, frontalmente:

Confusão mental? Palavra que não tenho. Mas há que primeiro ler-me. O ibérico não leu. Podia demonstrar-lho. Mas como é possível que um tipo qualquer entenda ser meu dever gastar o meu tempo a discutir? Tão enorme a petulância e a aberração. Pronto.²⁴

Quanto à filosofia anglo-americana actual, ela mantém-se com grande vitalidade e está longe, muito longe do espartilhamento em que se deixou afogar na primeira metade do século XX, até mesmo ao terceiro quartel, altura em que Rorty publicou o seu *Philosophy and the Mirror of Nature*. Todavia, apesar de no espaço cultural português contemporâneo a língua inglesa ter tomado o lugar da francesa, a filosofia anglo-americana ainda desperta a mesma atitude displicente dos tempos de Vergílio, excepto em círculos muito reduzidos. Contudo, o desconhecimento não impede alguns dos nossos “filósofos” de a denegrirem, como tenho testemunhado variadas vezes (por razões diversas evito fazer citações).

Ainda recentemente surgiu num blogue americano um artigo a apresentar uma lista dos 50 pensadores mais influentes de hoje²⁵. Inclui autores como Hilary Putnam (já falecido, como outros a seguir mencionados), Kwame Anthony Appiah, Noam Chomsky, Nancy Cartwright, David Chalmers, Daniel Dennett, Ernest Sosa, Jaegwon Kim, Martha Nussbaum²⁶, Saul Kripke, Alasdair Macintyre, Thomas Nagel, John Searle, Derek Parfit, Peter Singer, Charles Taylor, Cornel West. Verdade se diga, escrevem em inglês (ou estão traduzidos nessa língua, como é o caso de Jürgen Habermas e Alain Badiou) e só isso já bastou para os colocar ao alcance de um público incomparavelmente mais vasto do que os de outras línguas. Além disso, a digitalização dos seus escritos permite a contagem das

²³ Quando visitou os EUA, Vergílio esteve sempre entre portugueses e lusófilos. Não contactou com filósofos americanos. Foram poucos dias, insuficientes para se desfazer de alguns preconceitos. Não posso esquecer, porém, uma frase dele à chegada. Fui buscá-lo ao aeroporto. Ao sair do carro em Providence, no centro da Brown University e no meio de edifícios rodeados de relvados e árvores, quebrou o seu silêncio e disse: “Mas desta América eu até gosto.”

²⁴ Vergílio Ferreira. *Conta-Corrente, Nova Série III*. Lisboa, Bertrand, 1994, p. 37.

²⁵ <http://www.thebestschools.org/features/most-influential-living-philosophers/>

²⁶ Com estes três últimos convivi na Brown, onde leccionaram, tendo o primeiro deles, Ernest Sosa, sido meu professor.

citações e referências a eles feitas, daí poder-se quantificar esse aspecto da sua influência. Todavia esses pensadores estão longe de serem todos autores da filosofia analítica (ou quase todos, como alguém afirmou, vituperando essa lista). Até porque a filosofia anglo-americana hoje está altamente diversificada podendo mesmo dizer-se subdividida em várias áreas, cada qual seguindo o seu rumo. A mero título de exemplo, refiro um antigo professor de Ética na Brown, Dan W. Brock, pioneiro no campo da ética médica, que se tornou líder nacional no campo. Veja-se pela sua nota biográfica se é justo o desprezo em que são tidos filósofos deste quilate. E note-se que o filósofo em causa nem sequer integra a lista atrás referida, naturalmente por trabalhar num campo algo específico e para um público altamente especializado. O que se segue é uma selecção de alguns livros e artigos de uma série de mais de 150 nas áreas de bioética e filosofia moral e política, publicados em livros colectivos e revistas especializadas:

Deciding For Others: The Ethics of Surrogate Decisionmaking (with Allen E. Buchanan) Cambridge: Cambridge University Press, 1989; *Life and Death: Philosophical Essays in Biomedical Ethics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993; *From Chance to Choice: Genes and Social Justice* (with Allen E. Buchanan, Norman Daniels and Daniel Wikler) Cambridge: Cambridge University Press, 2000; “Voluntary Active Euthanasia,” *Hastings Center Report*, 22 (March-April 1992) 10-22; “Cloning Human Beings: An Assessment of the Ethical Issues Pro and Con,” in *Cloning Human Beings Volume II: Commissioned Papers*. Rockville, MD: National Bioethics Advisory Commission, 1997; “The Rule of Double Affect - A Critique of its Role in End of Life Decision Making,” (with Timothy E. Quill, and Rebecca Dresser). *New England Journal of Medicine*, 337 (1997) 1768-71; “Palliative Options of Last Resort: A Comparison of Voluntarily Stopping Eating and Drinking, Terminal Sedation, Physician Assisted Suicide, and Voluntary Euthanasia” (with Timothy E. Quill and Bernard Lo), *Journal of the American Medical Association*, 278 (1997) 2099-04; “Enhancement of Human Function; Some Distinctions for Policy Makers,” in *Technologies for the Enhancement of Human Capacities*, ed. E. Parens. Washington DC: Georgetown University Press, 1998; “Health Care Resource Prioritization and Discrimination Against Persons with Disabilities”, in *Americans With Disabilities: Implications for Individuals and Institutions*. Eds. Leslie Francis and Anita Silvers. New York: Routledge, 2000; “Health Resource Allocation for Vulnerable Populations” in *Ethical Dimensions of Health Policy*, eds. M. Danis, C. Clancy and L. Churchill. New York: Oxford University Press, 2002; “Ethical Issues in the Use of Cost Effectiveness Analysis for the Prioritization of Health Care Resources,” in *Bioethics: A Philosophical Overview*, ed. George Khusfh. (Dordrecht: Kluwer Publishers, 2004).²⁷

²⁷ <http://peh.harvard.edu/people/brock.html>

Face a isto, só a evocação do sábio provérbio tradicional que une a ignorância ao atrevimento²⁸. Na verdade, se a filosofia existe como disciplina, teve origem nos gregos. Não conheço tradição mais em linha directa da filosofia grega do que a praticada por muitos desses filósofos. Caso para se perguntar qual a alternativa proposta. Pela pobreza dos comentários que tenho ouvido e lido ao longo dos anos, pode bem deprender-se qual a qualidade dessa suposta alternativa. Se é que existe.

Vergílio Ferreira merece desculpas. Viveu noutro tempo, quando em Portugal se lia quase só os filósofos franceses e alguns alemães traduzidos em francês. Autor e pensador da minha estima, mais do que manifestada em vários escritos meus sobre a sua obra²⁹, bem gostaria que ele fosse ainda vivo para continuarmos a dialogar sobre o que aqui vai escrito e sobre muito mais. Vergílio era um homem conversável, curioso, genuinamente interessado em pensar clara e distintamente. Mas conhecia, para além disso, o segredo das palavras e por isso manuseava-as numa escrita que me cativou bem cedo e de que me considero fraco mas voluntarioso discípulo. Tomara eu que a minha própria escrita fosse um espelho não da natureza, mas dessa escrita. No entretanto, tal como Rorty dizia acerca da ambição da filosofia, isso é absolutamente impossível.

²⁸ O meu *Despenteando Parágrafos* reúne mais de três dezenas de escritos publicados ao longo de três décadas e meia. São textos de intervenção movidos pela preocupação do rigor factual e lógico. Não são textos filosóficos nem sequer pretendem sê-lo. Foram norteados pela mesma preocupação de Vergílio Ferreira atrás enunciada numa crítica a Herberto Helder. Posso acrescentar que os escrevi em parte na tradição de Vergílio e de António Sérgio, de quem se costuma criticar o facto de não terem deixado discípulos. Obviamente que o faço informado por um contacto de décadas com o pensamento anglo-americano. E, no entanto, um bloguista designa esses escritos como “impuros” e de “filosofia analítica”. Assim sem mais. *Tout court*. Sem se aperceber minimamente da enorme ignorância que comporta uma afirmação desse teor.

²⁹ O meu *Despenteando Parágrafos* inclui três. Onésimo Teotónio Almeida. *Despenteando Parágrafos*. Lisboa, Quetzal, 2015, pp. 207-234.

Bibliografia citada

- Almeida, Onésimo Teotónio. *Despenteando Parágrafos*. Lisboa: Quetzal, 2015.
- _____. *Pessoa, Portugal e o Futuro*. Lisboa: Gradiva, 2014.
- Ferreira, Vergílio. *Conta-Corrente Nova Série, IV*. Lisboa: Bertrand, 1994.
- _____. *Conta-Corrente. Nova Série, III*. Lisboa: Bertrand, 1994.
- _____. *Conta-Corrente. Nova Série, II*. Lisboa: Bertrand, 1993.
- _____. *Conta-Corrente, 4*. Lisboa: Bertrand, 1986.
- _____. *Conta-Corrente, 3*. Lisboa: Bertrand, 1983.
- Rorty, Richard. *Philosophy and the Mirror of Nature*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1979.
- _____. (ed.). *The Linguistic Turn – Recent essays in philosophical method*. Chicago, IL: The University of Chicago Press, 1967.
- Ryle, Gilbert, *The Concept of Mind*. New York: Barnes and Noble, c1949.
- <http://peh.harvard.edu/people/brock.html>
- <http://www.thebestschools.org/features/most-influential-living-philosophers/>

Onésimo Teotónio Almeida – Doutorado em Filosofia na Brown University, é nessa universidade Professor Catedrático no Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros, no Wayland Collegium for Liberal Learning e no Renaissance and Early Modern History Studies Program. Autor de vasta obra ensaística, os seus livros mais recentes são *Despenteando Parágrafos* (2015) e *Pessoa, Portugal e o Futuro* (2014). A sair no início de 2017 tem *A Obsessão da Portugalidade*.

Onésimo Teotónio Almeida got his PhD in Philosophy at Brown University where he is Full Professor in the Portuguese and Brazilian Studies Department, the Wayland Collegium for Liberal Learning and the Renaissance and Early Modern History Studies Program. Having already authored a vast essayistic work, his most recent books are *Despenteando Parágrafos* (2015) and *Pessoa, Portugal e o Futuro* (2014). His last book *A Obsessão da Portugalidade* will be published in early 2017.